

"O SABER POPULAR NO SABER DO POVO"^a

MARIA CLEMENTINA ESPILER COLITO^b

R E S U M O

O trabalho busca apreender o saber popular implícito na vida daqueles que não tiveram acesso ao sistema formal de ensino. A apreensão desse saber deu-se através da história da vida de Neta, uma doméstica que demonstra possuir saber suficiente para enfrentar o seu cotidiano de mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Educação formal; Educação informal/popular.

1 – INTRODUÇÃO

A razão que nos levou a realizar este trabalho veio do desejo de ver desmentido, concretamente na prática, no cotidiano das pessoas não letradas, o conceito escolástico do saber. Queríamos ouvir pessoas da classe popular, porque elas tiveram e têm menos chances de frequentarem escolas, por culpa, dentre outros, de fatores oriundos de sucessivos e inadequados sistemas de ensino do nosso povo, e que, por isso mesmo, deviam ter acumulado todo um saber diferenciado. Queríamos tentar desvelar, na fala dessas mesmas pessoas, as influências sofridas do formal da educação e o saber resultante, não da educação mas da própria vida de cada um. Mas, uma vez escolhido o quê ou sobre o que refletir, ficava a questão: quem ouvir?

São tantas as pessoas com as quais convivemos e certamente todas terão suas histórias, mas acabamos nos decidindo por ouvir Neta.

Neta é uma baiana de 50 anos, mãe de nove filhos seus e mais dois que seu coração acolheu. Ela é uma das pessoas que torna possível o nosso afastamento das tarefas do lar. Apesar de estar conosco há mais de um ano, conhecíamos muito pouco a seu respeito porque as nossas viagens para estudo não nos permitia encontrá-la, a não ser esporadicamente, quando coincidia sua vinda – é diarista – com nossa permanência em casa.

Quando a abordamos para que contasse sua história, perguntou logo por que motivo queríamos ouvi-la. Após explicarmos que queríamos comprovar que quem não foi à escola também sabe, ela foi logo dizendo que: “de muitas vezes aquele que não foi à escola, sabe mais do que aquele que foi”. Essa simples resposta já deixava entrever que era realmente uma pessoa que valia a pena ouvir...

Interessante também é declarar que um outro motivo nos levou a ouvir Neta: o fato dela ser baiana... Por quê? Simplesmente porque é um povo que tem história, que sofre, luta e tem tradições.

A história de Neta não podia ser diferente. É realmente uma história de sofrimento e luta...

2 – NETA E SUA HISTÓRIA

Na manhã de terça-feira, ela já havia iniciado o seu trabalho. O mesmo massacrante trabalho de todas as semanas: lavar e passar a roupa de um batalhão, nove pessoas.

Tão logo a vimos, comunicamos-lhe nossa intenção: a de ouvi-la falar sobre sua vida. Encabulada, entre sorrisos, disse:

– Ó xente, mas eu não sei nada de bom para contar e você aproveitá... mais, em tudo os casos, eu conto...

Foi somente no fim da tarde que nos foi possível sentar para ouvi-la. Não se intimidou diante do gravador. Engraçado! (Nós letrados sempre nos intimidamos)...! Simplesmente desligou o ferro de engomar, encostou-o no canto, debruçou-se sobre a mesa e começou a sua história, que não começava pelo clássico “Era uma vez...”.

“Eu não tenho nada de bom, desde que nasci. Eu acho que quando nasci, já me entregaram a meu pai. Não conheci minha mãe verdadeira. Tá com coisa de 2 anos que ela morreu e que vim sabê que eu tive uma mãe. Meu pai era fazendero e açoguero. Até hoje. Mas era daquele velho carrasco. Carrasco de tão ruim, um cão mesmo. Era tão ruim que fui obrigada a saí de casa com 17 ano, pois casei com 17 ano”.

“Eu antes de casá, trabaiava na roça. Aprendi a trabaiá porque ele não ponhava ninguém pra trabaiá, só os

a. Monografia final apresentada ao curso “Alternativas de educação popular”, ministrada pelo professor Paulo Freire, na PUC, São Paulo, obtendo conceito “A”.

b. Departamento de Serviço Social – CESA/Universidade Estadual de Londrina.

firos. Aprendi tudo o serviço de casa com papai. Todo dia, às quatro hora da manhã, ele ponzava um caxão de quero-sene perto do fugão, prá mode eu arcançá o fugão e podê fazê o café, que ele mesmo ensinô. Às cinco e meia eu ia buscá água, longe treis quilômetros, um potinho ansim (mostra o tamanho de mais ou menos dois litros) mas tinha que i tudo dia”.

“Meu pai quando pegava surrá, quasi matava. Eu nunca sube o que foi carinho de um pai e um agrado de mãe. Fui criada ansim. Meu pai era plantadô de fumo. Ele assemeava as sementes num lugar chamado Traíras e depois trazia as mudas prá nois plantá num sitio. Primeiro abria as covas, e plantava o pezinho já ansim (mostra o tamanho da muda) de um palmo e quando esses pé chegava numa certa posição ansim (uns 50 cm) a gente capava ele. Capava era tirá o ólinho (broto do fumo) pra pudê o fumo ficá bom e forte, praque ansim as foias cresce e fica ansim, grande (mostra o tamanho da folha: mais ou menos 40 cm). E ansim de cada oito, quinze dia, a gente vai desfoiá ele tudinho praque ele pega broto de baixo em cima. Quem me ensinô fazê tudo isso foi papai — o trabaio da roça e da casa também. Tudo foi ele e eu agardeço”.

“Quando o fumo ficava com seis meses — isso lá pro dezembro vai-se corta o fumo. Corta as foia, põe prá secá, tudo em camadinha arrumadinha. Depois põe num pano grande, carrega e põe tudo no rancho penduradinho, arrumadinho que nem pé de galinha, num varal. Depois de quinze dia, ele fica amarelinho e então se tira prá fazê a manoca. O que é manoca? É você amarrá ele quem nem faiz com as foia de cove, e vai empinando e depois tira o talo das foias com a faquinha pequetitica. Tira o talo, quem nem tira o da cove e aí quando já é hora de fazê fumo a gente torce a manoca e enrola ele no sari. Sari? Sari é como aquele negócio do poço onde enrola a corda prá puxá a água”.

“Bom, quando fô a bola de fumo que você qué fazê, a pessoa vai cantando as foia, conforme a bola. Você conta 5 ou 6 foia. Se fô foia grande só duas foia. Se fô piquena é três foia. Aí vai dando prá pessoa que tá no sari e ela vai enrolando, enrolando. E eu ficava ali, sabe até que hora? Até duas ou treis hora da manhã e até que num terminava tudo aquilo eu não comia e oie, eu era pequeninha, tinha só meus nove ou deis ano”.

“Aquele fumo ficava ali mais uns 40 dias e tudo dia tinha que virá aquele fumo, desenrolá, enrolá, pro lado de baxo ficá prá cima e i secando e é ansim que ele vai ficando preto. Agora quem me ensinava tudo aquilo, era papai e quem ensinô prá ele, foi o pai dele. Agora, sabe de uma coisa? Muié que tando de regra (dias de menstruação) num pode ponhá mão no fumo? Se ponhá vira “cacaó”, num presta... Fica basé, que num presta, fica fraco. Então minhas irmãs, que já era formada, naqueles meis elas não podia mexê, então eu tinha que ajudá”.

“A gente plantava fumo em junho, de tarefa, de perdê de vista, e ninguém ajudava, só nós de casa. Os empregado era nós mesmo. Esse fumo pronto, papai levava prá Itapetinga, nessa cidade na quar me casei. Nós colia o fumo em Guarani, onde nós passava a semana. Lá em Itapetinga

nóis tinha também o açogue de charqueada e os magarefes é que ficavam tomando conta do açogue. Magarefe? Magarefes era os home que lidava com a carne, esquartejava elas”.

“Sabe Crementina, o meu pai separó de minha madastra por causa de mim, por causa de uma caluna, um farso. Meu pai foi fazê uma viage e quando voltô perguntô a minha madastra por mim. E foi quando ela levantô o falso de que, desde a hora que ele tinha saído, ela (a madastra) não mais teve notiça de mim. Que eu passava o dia e amanhecia na rua, na própria folia. E mais ainda. Ela falô também que eu tinha falado que se ele me batesse, eu saía de casa prá morde num mais vortá. Naquela noite, já era nove hora da noite minha irmã mandô eu deitá, dizendo que quando papai vinhesse, ela dizia que eu já tava durmindo, ansim ele num me batia. Mas meu pai chegou logo e foi passando tudo as travança nas portas e perguntando por mim. Eu cubri tudo a cabeça de medo, e escutei quando minha irmã disse a ele que eu tava drumindo, mas não adiantô. Ele mandô me chamá praque tinha que falá comigo”.

“Meu pai tinha lá um Santo Antonio, — que eu sei que devoção ele tinha com ele — um santinho que ele levava dentro de uma caixinha e que minha irmã, naquele dia escondeu dele. Pois bem, então ele me chamo e aí eu levantei, e pai mando que eu enjoelhasse nos pes dele e então ele arribô o facão por riba de minha cabeça, como que ele ia me abri de meio a meio. Minha irmã, nessa hora, desesperada ponhô aquele santinho, no quar ele tinha devoção, na frente dele e pediu que pela devoção e amor que ele tinha naquele santinho, ele não fizesse aquilo. Meu pai, tremendo e suando, abaxô o facão e disse que então por amor aquele santinho ele não ia me matá, praque o que ele pensava era isso me matá e si matá também. Nesse tempo eu tinha 11 anos”.

“Aí eu fui embora e foi quando ele me ensinô tudo direitinho, como conzinha, lavá ropa, praque naquele tempo eu só sabia fazê café. Mas eu nunca via dinheiro. Num tinha ropa, sapato nem falo, nem cama prá dormi. Até ali eu nunca tinha usado calcinha, você imagina! Aí foi que comecei a trabaia escondido lavando ropa prum moços que trabaia na fábrica de manteiga. Aí foi que comecei ganhá um dinheirinho e pude então comprá uma cama boa, sapato e ropa. Mais papai, ponhô vigia prá me vigiá um ano todinho prá vê se eu era séria mesmo, devido o farso que minha madastra levantô. Eu guentei coisa, Crementina que hoje eu digo: se meu filio é criado pela mão de uma madastra, eu digo que o diabo carregue ela prá mir infernos”.

“Se eu já estudei? Só o 1o. ano. Praquê eu não tinha cabeça prá estudá, praquê como eu ia estudá sofrendo desse jeito? Naquele tempo a gente aprendia o abc e eu gastava um abc (caderno) por semana... mas óia que uma pessoa que estudava o abc ele já estava sabendo lê e escrevê, praquê era tudo soletrado, purisso eu leio tudo soletrado”.

“Ah! As festa que ia? As diversão? Era só de ano em ano, em junho, dia 24. Na Bahia intera se festejava o São João. Não sei se hoje é ansim inda. A gente festejava o São João como a gente festeja o Natal aqui. No tempo dos antigórios no Natal só tinha mesmo era baile na praça,

onde fazia um tabuado grande, mas só dançavam as moças rica. O dia de São João era aquela comidara, bebedeira, baile prá tudo o que era canto”.

“Se eu aprendi alguma cantiga? Aprendi e inté agora num esqueci. Cantá prá você? (risos)

... “Chegou, chegou o dia da fogueira...

É noite de São João,

O céu ficô todo estrelado

Ficô todo iluminado,

todo cheio de balão”.

Como era a festa? Era tudo o tipo de carne assada. De tudo que era doce daquele tempo. E é tudo junto. Naquela festa não tem pobre, não tem rico. Todo mundo se diverte junto. Forma aquele bróco e sae uns visitando os outros. Licor tem de tudo jeito, até de leite. Naquela noite ninguém dorme. Quem gosta de baile vai pro baile, quem num gosta sai, prá visitá as outras foguera. E tudo chama a gente práí, gritam passa aqui passa aqui! Mais a gente nem sabe se passô ou não passô praquê é só licor que a gente vai bebendo. Fogos então tem prá rebentá”!

“Bem! Naquele tempo eu já tinha 13 anos. Continuação lavando ropa escondido e quando papai descobriu me aplicô uma surra daquelas e então, pela primeira veis em 13 anos, enfrentei meu pai”.

“Vortei prá escola e num dia, no caminho da escola me deram uma oração dessas de corrente, sabe? Eu tinha que passá essa oração prá mais 9 pessoa. Pois então, quem passasse essa oração direitinho e depois rezasse como ela mandava, ia sonhá, no 1o. sonho, com o home que ia se casá. E eu rezei direitinho, e num é que sonhei com um moço que eu nunca tinha visto? Conteí prá outra madastro que eu tinha agora, aquela outra morreu, e então nós ficemo esperando que ele aparecesse lá na rua. Ele tinha que aparecê de paletó azul e carça branca, praquê era ansim que eu tinha visto no sonho. Passô alguns meis e um dia vi o tar moço passá. Depois vim a sabê que ele trabaiava de carpinteiro na casa da vizinha. Um dia fui inté lá prá vê ele de perto! Ele era daquele tipo que usava chapéu baixado na testa. Lá nu norte home que vive co chapéu em cima dos zóio, pode sabê, é malandro! E foi ansim que vi o Rosalvo. Pudia sabê que ia sê o desgraçado que foi, mas a sorte me mandô ele! Fazê o qué?”

“Como a mãe curava as doenças das crianças? Do mesmo jeito que eu. Com remédio de casa. Ninguém levava em médico. Era com hortelã prá num tê bicha, chifre, a gente raspava ele e fazia chá prá num tê acesso e um proção de raize que tinha cada uma, uma serventia. Umas prá quando ia saí os dente, outras para o machucado não arruiná, outras prá tirá as batida, as manchas roxas. Buta então, era uma raize amarga e que as moças bebia quando estava se formando. Eu só fui no médico quando tinha 32 anos. A mãe curava tudo lá em casa. Lá na Bahia num existe esse negócio de lombriga. A criança lá nasce, com meis, 15 dias e já se dá papa. Como é essa papa? Pega sebo do boi, de rim, soca ele dentro do leite, quando ele quase seca, ponha numa vazia e faiz uma bola grande ansim. Depois pega farinha de mandioca, soca no pilão bem socada, pega um pano, põe a farinha e vai despregando.

Pega 2,3 quilos de carne, assa, aquela carne, e soca junto com a farinha. Na hora de fazê a papa prá criança rapa um pouco daquele sebo, põe numa panelinha, já tem panelinha própria de barro, naquele tempo não tinha aluminio, depois junta aquela farinha com carne, mexe aquilo com leite e se dá prá criança. Se dá diarreia? (risos) Crianças lá no norte é criança criada desse jeito, e óia dá mesmo é cada braço ansim (mostra a possível grossura do braço). É criado em cima da carne. Essa preparação a gente faiz de meis em meis. E o Bicho come! Num é que nem aqui, esse negócio de mamadeira, que uma hora azeda, outro faiz mal, não senhora! Lá não existe lombriga... Lombriga só vim conhecê no Paraná. Eu perdi um fio, praquê não aquerditava que existia lombriga”.

“Bem! Daí eu casei com 17 anos. Fiquei na Bahia mais dois ou treis anos. Depois veio a seca, tudo mundo se mudando aqui pro sul e eu resolvi também que nós devia vir embora. Eu já tinha dois fios. Naquele tempo eles ajustava gente de longe prá vim lidá co café e foi num desses caminhão que nós viemo de São Paulo prá uma fazenda em Apucarana. Mas o Rosalvo pensa que ele queria vir? Eu é que tomei a frente. Vindi meus trem pros vizinhos lá em Guarani e toquemo prá uma cidade lá perto, com um caminhão de meu pai, mais eu agaranti que ele não ia sabê. Dali ficemo na estrada onde passava os páu de arara prá cá pro sul e viemo. Lá nas fazenda nós fazia de tudo, panhava café, criava e lidava com porco. Nós tinha fartura, leite a vontade, galinha, verdura”.

“Mais um pouco de ano nós viemo prá uma fazenda perto de Londrina. Isso praquê eu achava muito longe aquela fazenda, dos recursos da cidade e eu precisava tratá do Rosalvo que tava de tudo doidão. Nessa fazenda nós também tinha muita fartura e dinheiro. Tanto que dava até pro desgraçado do Rosalvo mandá pros irmão vim prá cá. Eu nessa fazenda do Dr. Ferraz, era conzinheira na sede e eu morava lá também. Conzinhava pros empregado todo da fazenda. A fartura que nós tinha era de não acreditá. Tinha tudo que era tipo de assistência. Óie num me quexo do tempo que trabaiei nas lavouras. Mas meus cunhados chegaram e aprontaro lá e nós tivemo que saí de lá”.

“Bem! Na fazenda do Conde nós briguemo. Praquê? Pru que quisero fazê safadeza! Eu fiquei muito doente nessa fazenda. Um dia Rosalvo vai pedi dinheiro pro remédio e o patrão disse que não dava. Que ele desse prá eu me curá, chá de musgo! Aí foi aquela briga danada. Aconseiei Rosalvo a procurá a justiça prá peleá, então mandei ele que viesse prá Londrina. Londrina não queria atendê. Era praquê não pertencia prá Londrina aquelas terra. Então fui pro sítio vizinho e perguntei a quem cabia aquelas terras e fiquei sabendo que pretencia prá Cambé. Aí eu falei: Rosalvo voce vai prá Cambé, e chegando em Cambé voce não sai de lá. Conta tudo como foi pro promotô e deixa está que o patrão, ele chega lá. Óieê, Crementina e tuda as questão ele, o Conde ganhava. No outro dia meu marido trouxe a intimação. O dono da fazenda foi cedo prá Cambé, que quando ele chegou no escritório do advogado, pensando que o Rosalvo ainda estava em casa, levou o maior susto. O Rosalvo já tava lá de véio. E óie Crementina, eu

tinha um trem que me guiava tudo. Por isso eu disse pro Rosalvo: Nós num pode pagá devogado e eles, patrão paga, por isso pede logo dois advogado — olhe naquele tempo, hoje não, tem devogado batendo aí a buzo, mas, naquele tempo a gente pedia devogado na delegacia e eles, a justiça dava. O promotor foi e deu dois devogados prá nossa parte e dele o patrão levô um. Aí foi a nossa hora do acerto de contas, o Rosalvo contô a história dele e o patrão contô a dele né. Aí eu já tinha falado prá ele: “Rosalvo, tu não amolece praquê se tua amolecê, nós vai saí daqui co uma mão diante e outra atrás e nós vai perdê tudo isso aí, que nós conseguimos”.

Bem! Quando depois dele contá a nossa história, chamou o patrão prá contá a dele e aí o promotô perguntou prá ele:

— Mas praquê motivo o sinhô mandô dá à muié dele chá de musgo?

Aí o patrão disse ansim:

— Praquê não tenho nada com a família dele.

Aí o promotô perguntou:

— O sinhô não tem nada co'a família dele?

E o patrão respondeu:

— Não tenho, não sinhô!

“Aí o promotô levanto, pegô nele ansim, no paletô dele ansim — o Rosalvo me contô direitinho como foi — e disse pro conde: Mais de que manera que o sinhô não tem a vê co'a família do home? Praquê o sinhô sabe que o home pode sê um muleque, mais ele deve se respeitado pela família, pela muié. Se ele não tivesse família ele é peão, mas ele tem família e família tem que se respeitá”.

“Bem! Nós vendemo o nosso trabaio, acertemo nosa conta por oitenta mil réis e naquele tempo era muito dinheiro. Nós tinha vinte dias prá sai da fazenda. Rosalvo veio prá Londrina prá procurá uma casa prá nós mudá. Pegou o dinheiro e até hoje, Crementina, não vi a cor daquele dinheiro. Ele diz que emprestô prá cumadre dele. Aí que foi sofrimento. Encontrei Rosalvo dias depois, eu vim atrás, e aí disse a ele: Pois é Rosalvo, sofri tanto, lutei tanto, derramei meu suor, estou inutilizada de meus braços e voce pega esse dinheiro do sacrifício e dá aí prá uma muié qualquer?”.

Abandonada pelo marido em 72, Neta terminou de criar seus filhos, “dando estudo a todos”. Embora não tenha frequentado o ensino formal, ela reconhece que a vida lhe ensinou o suficiente. “Mas se eu tivesse a leitura era bom, mais se eu não tenho, ninguém me passa prá trais. Às veis, aquele que não tem leitura sabe mais do que aquele que foi prá escola. Tá difícil alguém me passá prá trais mesmo tendo leitura”.

3 — QUE NETA SABE É O PRÓPRIO SABER POPULAR?

Sem dúvida... Essa afirmação encontra seu respaldo no que discute Brandão, em seu “Ardil da Ordem: Caminhos e Armadilhas da Educação Popular”². No entanto, essa mesma discussão leva-nos a sentir um certo temor quando pretendemos discutir teoricamente esse saber con-

tido no relato de Neta. A maior causa desse temor, está justamente na fragilidade de nossos conhecimentos sobre as dimensões do saber popular, contudo vamos “tentar ousar” descobrir em que pontos de sua história esse saber emerge expressando a sua arte e sua ciência própria.

Quando ela relata a lida com o fumo, prática aparentemente rotineira, mas que implica num repertório próprio de conhecimentos, diga-se possivelmente centenário, não está deixando entrever saberes que levaram as gerações a experimentarem e elaborarem conhecimentos específicos para aquela lida? E nessa troca de conhecimentos entre as gerações, não se articularam as relações sociais entre os diferentes envolvidos o fornecedor da semente, o semador, o plantador, os que cuidavam da capagem, os que faziam as manocas e as enrolavam nos saris, os compradores? Que teia de relações se formava e se dinamizava! O resultado dessas relações eram naturalmente renovações ou recriações próprias que a cada colheita iam acrescentando ao saber já existente, não só ao que dizia respeito ao cultivo do fumo, mas em todas as outras esferas nas quais giravam aquelas vidas.

Veja-se aí a força da credence popular: “Mulher menstruada não podia manipular o fumo de corda”. E Neta diz isso com tanta convicção que chega a nos convencer... E por quê? Porque são conhecimentos coletivamente acreditados como reais e refletem para eles a vida e o alcance de sua compreensão daquele mundo de que fazem parte. Não está aí a dimensão cultural do saber popular?

O esforço para libertar-se do jugo paterno — outro saber demonstrado pelos diferentes artifícios que inventava para seu viver. Vai trabalhar às escondidas, entendendo que materialmente liberta, a liberdade maior poderia ser conseguida. Delineavam-se aí, os embriões do espírito de luta, saber que deveria nortear sempre a mulher que queria “escrever” a sua própria história, e o que faz sem dúvida...

Os conhecimentos demonstrados, quando relata sobre o uso dos remédios caseiros, citando para cada doença um remédio específico extraído da mãe natureza reelaborado e posto de maneira eficaz para o uso de gerações e gerações — que é isso? Saber!!

O processo complicado de elaboração daquela papa, que deveria ser dada aos recém-nascidos. Coisa difícil (a nós pareceu) e que devia exigir técnicas muito específicas, contudo eram práticas rotineiras que, eram religiosamente seguidas pelas gerações e garantia de crianças robustas e saudáveis, segundo Neta. Estranhíssimo esse saber, comparado aos dos dias atuais em termos de alimentação de bebês, mas a tradição costumeira de segui-lo provava a autenticidade do conhecimento. Veja-se aí a dimensão social do saber popular.

Escreve BRANDÃO (2:15): “De geração em geração constroem e preservam sistemas complexos de crença e cultos da religião e filosofia (...) criam e usam rituais do sagrado e festivas cerimônias profanas”... Concretiza-se a afirmação de Brandão no culto que toda Bahia presta a São João, como nos conta Neta. O envolvimento de todos, sem diferenças de classes presentes naquelas manifestações populares de culto da religião, devoção a São João Batista e as festanças todas — comes e bebes, danças,

cantorias, que transcendiam as gerações.

O fato do pai de Neta se decidir pela morte da filha para supostamente salvar a honra da família (?) e posteriormente desistir dessa idéia transloucada, a uma simples visão do santinho de sua devoção, não evidencia a força da religiosidade inerente às pessoas mais simples? Não evidencia também a dimensão cultural do saber?

As lutas que Neta trava com o poder e autoritarismo refletem também um saber. A primeira dessas lutas, a resistência demonstrada contra o poder paterno, o jugo pesado que lhe tirava a liberdade de ir, vir e fazer... Mais tarde, de novo, a resistência contra o poder, dessa vez representado pelo patrão que lhe espolia e lhe nega um direito que lhe é devido como pessoa humana — o de ter condições para o gozo pleno da saúde física, mental e espiritual. Resistência que ela demonstra frente aos mandos feitos e desfeitos do marido psicopata e mau caráter... Resistência que demonstra quando abandonada à sorte com 11 filhos que ainda necessitavam de apoio material e moral, e que não deixa esmorecer diante das vicissitudes todas. Exemplo significativo de mãe e de portadora de um saber que se conquista na lida incansável do dia-a-dia.

Essas habilidades não se configuram como uma dimensão política do saber que ela detém? Está certo que a resistência, a luta desenvolvida por Neta, não foi a própria prática política de classe, ação que se dá a um nível coletivo. A luta de Neta se deu em nível individual, mas que nem por isso deixa de ser significativa e eficaz, pois traduz novos tempos ou novos níveis de uma consciência, que abre aos poucos, o caminho para a conquista de melhores dias.

Fica uma frase de Neta, expressiva para concluir este tópico: ...“num é só com leitura que as pessoas vevem, pois

meu pai, Crementina, dizia sempre: eu não tenho medo que voce saia pelo mundo, praque voce sabe entrá nele e saí...”.

É isso aí! Neta possuía e possui o saber necessário para a vida; nasceu com ele!

4 — SÓ SABE QUEM ESTÁ NA ESCOLA?

Quando Paulo Freire, numa das citações, diz: “fora da escola, trabalhando ou procurando trabalho, elas (as classes populares) vão sabendo das coisas; elas fazem a leitura do mundo”³, suas palavras vêm confirmar que o relato de Neta nos autoriza a responder negativamente a questão que colocamos no início deste tópico.

A própria Neta responde negativamente essa questão quando diz: “num é só de leitura que as pessoas vevem...”

A educação formal como bagagem necessária para a vida pode ser dispensável, mesmo porque a boa educação não advém de anos de educação bancária, de títulos adquiridos, de livros escritos ou lidos, mas de uma qualidade humana, que um analfabeto pode muito bem ter. Não se fabrica educação, saber, como se fabrica uma escola. Esta é um produto, aquela é um processo, porque é profundo,¹ processa-se numa vida inteira.

Aprendemos com Neta! E podemos garantir que todos que lerem sua história aprenderão alguma coisa, porque há sempre lugar para um aprendizado novo, há sempre alguém nos ensinando algo, seja concreta ou abstratamente falando, sem que para isso seja preciso frequentarmos escolas legalmente instituídas. Basta buscar o outro. Somos todos, ao mesmo tempo, dialeticamente falando, professores e alunos, peças de um jogo contraditório que rege as andanças do mundo.

ANEXO

A PROPÓSITO DA ABORDAGEM METODOLÓGICA UTILIZADA

O trabalho em questão, deve ser considerado como do tipo **documento humano**, também conhecido como “documento íntimos” ou “documentos pessoais”, que são tidos como instrumentos apropriados para a apreensão de fatores subjetivos” conforme BLUMER in CAMARGO¹ — cuja essência está centrada na história de vida. Essa abordagem metodológica ou técnica de pesquisa, vem alcançando atualmente maior expressividade nas áreas de ciências humanas. Conforme NOGUEIRA², a história de vida é “o relato confidencial, completo, mas ainda informe, das experiências mais importantes da pessoa, contada por ela própria, em resposta às sugestões e perguntas do entrevistador, sem que este intervenha para justificar ou condenar a conduta que está sendo rememorada.

Optou-se pelo uso dessa abordagem por que, como continua CAMARGO citando Levi Strauss, “as histórias de vida representam a melhor maneira de compreender

a cultura do lado de dentro como “um conjunto vivo, regido pela harmonia interna, não como um conjunto vivo, regido pela harmonia externa, não como um conjunto arbitrário de costumes e instituições, cuja realidade é apenas percebida”. Essa abordagem, continua CAMARGO, representa “o melhor caminho para se chegar mais perto da experiência vivida pelo ator — sua ideologia e sua práxis — possibilitando a compreensão dos significados implícitos de suas ações, isto é, permitindo que se esclareçam as “determinações inconscientes da vida social”.

1 — CAMARGO, Aspásia. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. Dados; Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. 27(1):5-28, 1984.

2 — NOGUEIRA, Oracy. Pesquisa social; introdução às suas técnicas. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1968.

A B S T R A C T

The work searches apprehending the popular knowledge implicit into the life of those who didn't have access to the formal system of instruction. The apprehension of that knowledge was given through the history of Neta's life, one domestic that shows to have enough knowledge to face her woman's daily life.

KEY WORDS: Formal education; Informal/Popular education.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRANDÃO, Carlos R. *O que é educação?* São Paulo Brasiliense, 1982. educação popular. Campinas, Papirus, 1983.
2. -----, *O ardil da ordem; caminhos e armadilhas da*
3. FREIRE, Paulo. *Alternativas de educação popular.* São Paulo, PUC/SP, 1983. (Anotações de aula).

Recebido para publicação em 31/07/89

"O PROBLEMA DA ANSIEDADE NAS PROVAS: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS"

JOSÉ ALOYSEO BZUNECK^a
ROSANGELA SILVA^b

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados mais salientes de pesquisas em torno do problema da alta ansiedade que alunos acusam em situações de avaliação, e que se denomina ansiedade de prova ou ansiedade de teste. A ansiedade alta afeta o desempenho nas provas em função de seu componente cognitivo que é a preocupação, que interfere na atenção que deve ser dispensada por inteiro à tarefa. São também descritos estudos com propostas de solução a esse problema e é discutida a eficácia dos diferentes métodos de intervenção. Daí emergem igualmente sugestões para o ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade de prova; Ansiedade de teste; Avaliação escolar; Tratamento da ansiedade de prova.

1 – INTRODUÇÃO

O fenômeno da ansiedade por ocasião de avaliações é, possivelmente, tão antigo quanto a própria existência da escola, com suas provas, exames, testes e concursos. Ansiedade de prova, ou ansiedade de teste, é hoje entre as espécies de ansiedade a mais amplamente pesquisada, sobretudo no contexto dos estudos da motivação e do rendimento escolar. Sua própria conceituação encerra componentes mais demarcados que a ansiedade em geral, de objeto indefinido, e que se contradistingue do medo, que tem uma causa objetiva.

HILL & WIGFIELD (1984) propõem, para efeito de estudo, a definição de ansiedade de prova formulada por Dusek: trata-se de um "sentimento desagradável ou estado emocional que tem componentes fisiológicos e comporta-

mentais, e que é experimentado por ocasião de testes formais ou de outras avaliações". No presente artigo, será empregado o termo genérico ansiedade de prova, que parece ser o mais conveniente por sugerir ser aplicável a todas as situações em que um indivíduo estiver sendo avaliado.

Foi há menos de quatro décadas que MANDLER & SARASON (1952) identificaram empiricamente, através da aplicação de uma escala específica, a existência de alunos alto ansiosos e baixo ansiosos e que, a seguir, obtiveram resultados inversamente proporcionais em testes de inteligência. Os alto ansiosos tipicamente revelaram escores mais baixos. Normalmente, nas pesquisas, alto e baixo ansiosos constituem os grupos extremos da distribuição, ou seja, os 10%, ou 25%, ou até 1/3 de cada lado, tendo-se por vezes considerado para comparações um grupo intermediário entre eles.

a. Departamento de Educação/CECA/Universidade Estadual de Londrina.

b. Aluna do curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior – Universidade Estadual de Londrina.